

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE BELAS ARTES – EBA

HUGO ALVES NUNES DA SILVA

CEGO ADERALDO
VENDO ATRAVÉS DOS VERSOS DE UM CANCIONEIRO POPULAR

RIO DE JANEIRO - RJ

2019

HUGO ALVES NUNES DA SILVA

CEGO ADERALDO

VENDO ATRAVÉS DOS VERSOS DE UM CANCIONEIRO POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Visual – Design.

Orientador(a): Prof^o Dr^o Carlos de Azambuja Rodrigues

Coorientador(a): Prof^a Dr^a Maria da Graça Muniz Lima

RIO DE JANEIRO – RJ

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores e servidores da UFRJ, pelo seu trabalho, tão constante quanto possível, em meio às intempéries, incongruências e incertezas tão comuns ao nosso tempo. Em especial aos meus orientadores: Prof Carlos Azambuja, pelo abraçar de ideias, mesmo que as vezes aparentemente distantes de si; e Prof^a Graça Lima, pela sua paciência frente aos pensamentos desconexos e muitas vezes não tão bem-sucedidos de um jovem ilustrador em reabilitação.

À Sá, pelo apoio e ajuda inveterados, nos dias e noites em que não queria acreditar.

À todas as pessoas, com ou sem deficiência visual que eu conheci durante esse projeto, que são luz para além do tempo que trilhei com elas esse caminho. E à minha família nordestina e nortista, cuja luta permitiu a mim calma para olhar atentamente o mundo.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Quadro Referencial	9
2.1. Livro Ilustrado	9
2.2. Literatua de Cordel.....	11
2.3. O Cancioneiro Popular.....	13
2.4. O Artista Cego.....	15
3. Construção do Livro	17
3.1. Reverberações.....	17
3.2. Análise de Similares	21
3.2.1 Carvoeirinhos.....	22
3.2.2 Lampião e Lancelote	23
3.3. Público Alvo	25
3.4. Texto	26
3.5. Desenvolvimento Visual	28
4. Projeto Gráfico	31
4.1. Formato	32
4.2. Acabamento.....	33
4.3. Tipografia.....	34
4.4. Título.....	35
5. O Livro	36
5.1. Projeto Inicial.....	36

5.2	Readaptação do Projeto Inicial	38
5.3	Espelho.....	41
5.4.	Projeto Final.....	42
6.	Conclusão	48
	BIBLIOGRAFIA	49
	FILMOGRAFIA.....	51

RESUMO

Este trabalho trata da construção de um livro ilustrado. O livro se propõe a difundir a cultura nacional, em especial a nordestina, através de um de seus personagens principais – Aderaldo – e de suas histórias e repentes. O roteiro deste livro foi construído com base na história autobiográfica de Aderaldo Ferreira de Araujo, o Cego Aderaldo, e tem como alvo o público infanto-juvenil. As principais influências visuais para desenvolvimento do projeto, seja por sua ligação mais direta com o tema abordado ou pela maneira como utilizou determinada técnica para passar sua mensagem foram: Carvoeirinhos, de Roger Mello; e Lampião & Lancelote, de Fernando Vilela. O uso do ocre se tornou predominante, como forma de representar uma figura que existe em tamanha simbiose com o seu meio – o árido sertão nordestino, trazendo à tona a luta de uma pessoa cega, que venceu em meio às dificuldades e se tornou uma figura mítica, que deve permanecer eterna no imaginário popular.

Palavras-Chave: Livro Ilustrado; Cego Aderaldo; Cancioneiro Popular; e Cultura Nordestina

ABSTRACT

This work deals with the construction of an illustrated book. The book proposes to spread the national culture, especially the Northeastern, through one of its main character - Aderaldo – and his stories and repentes. The script of this book was constructed based on the autobiographical story of Aderaldo Ferreira de Araújo, Blind Aderaldo, and is aimed at children and youth. The main visual influences for the development of this project, be it its closer proximity to the subject or the way it used a certain technique to deliver its message were: Carvoeirinhos, by Roger Mello; and Lampião & Lancelote, by Fernando Vilela. The use of the ocher became predominant, as a way of representing a figure that exists in such symbiosis with its environment - the arid northeast sertão, bringing to the surface the struggle of a blind person, who overcame the difficulties and became a mythical figure, which must remain eternal in the popular imagination.

Keywords: Illustrated Book, Blind Aderaldo, Popular Singer, Brazilian Northeastern Culture

1 Introdução

Esse projeto se moldou como um confluir de olhares, desejos e ideias as quais venho cuidando e alimentando já há algum tempo. Além, obviamente, dos anos de estudo nessa faculdade, ele traz em si a minha própria história, a da minha família nos rincões do interior da Paraíba e do Acre e a de algumas pessoas que encontrei pelo caminho, e as quais espero um dia fazer jus ao tempo a mim por elas dispensado.

Trazendo como figura o repentista cearense Cego Aderaldo, o livro sobre ele construído traz a conhecida história do flagelado da seca, migrante por sobrevivência, em busca da sua dignidade. Cego por acidente vê-se sozinho com sua mãe, e com um passado de dor que não o permite esquecer. Como não poderia deixar ser, digno das histórias em trova que um dia cantaria, tem em sonho a visão de seu primeiro repente, e neste a força motriz para desbravar o desconhecido.

O mote deste trabalho é a promoção da cultura nacional: seus personagens fortes, seus espaços, seus momentos históricos, objetos culturais, tradições. E o trazer à tona a luta de uma pessoa cega, que venceu em meio às dificuldades e se tornou, com suas histórias e repentes, uma figura mítica, que deve permanecer eterna no imaginário popular.

Trago entranhado neste esforço parte da cultura nordestina, da qual ele advém e grande parte do povo brasileiro faz parte; além de sua história, sua

ficção, suas pelepas e sua cegueira. Nesse ponto o design existe como massa que liga e une todas as partes supracitadas em um projeto coeso, que fale por si mesmo, sem a necessidade do auxílio de um texto explicativo quando este estiver nas mãos do leitor – seja este uma criança, pais ou educadores.

2 Quadro Referencial

2.1 Livro Ilustrado

Poética e didaticamente De Oliveira, expõe o livro ilustrado como uma importante ferramenta de disseminação de cultura, educação e ideias. Trazendo ao leitor uma abertura ao campo da imaginação somente possível graças à junção dos elementos que o integram, desde a literatura que nele consta, às ilustrações e ao trabalho compositivo e estrutural do design; este tipo de livro se põe como material de entrada para crianças e jovens, em geral seu público alvo, na instigação às suas percepções, questionamentos e criatividade. (DE OLIVEIRA, 2008)

Montado em *códice*, ele tende a guardar a mesma estrutura dos livros literários (que não possuem imagens) tradicionais: capa, contracapa, miolo e lombada. Mas isso não o impede, dadas as possibilidades oferecidas pela mídia e o avanço tecnológico, de ser fluído em sua categorização dado o permissivismo no seu hibridismo. (SILVEIRA, 2008)

De acordo com De Oliveira, servindo ao seu propósito expressivo, o livro ilustrado traz em si um amálgama de possibilidades, que abertas como são, deixam espaço a serem preenchidos por aqueles que o estão a apreciar. O texto, como base estrutural para a obra, dá luz ao caminho o qual os demais colaboradores trilharão. Ele não deve ser uma amarra, ou mesmo um mapa com rota traçada, mas algo como uma sugestão de música a embalar a viagem,

permitindo um fluir criativo através de interpretações subjetivas; como dito pelo autor , o texto "é sempre um prisma, jamais um espelho" (DE OLIVEIRA, 2008, pág. 32).

2.2 Literatura de Cordel

Traço forte da cultura popular nordestina, o cordel, na boca do povo conhecido como *folheto*, é uma mídia simples, que permite a sobrevivência e o acesso de histórias, muitas vezes advindas da tradição oral, a um público ao qual a literatura dita erudita não conseguiria chegar. (ABREU, 2004)

A existência do Cordel se evidencia já no século 16, pelas menções encontradas em produções portuguesas da época – sendo a propagação desse material possível graças à popularização da prensa móvel, desenvolvida por Gutenberg na Europa, aonde a circulação dessas obras, conhecidas como *folhetins*, já se dava por Itália, Espanha e Portugal. (NOGUEIRA, 2012)

Enquanto Da Câmara Cascudo remete a propagação intercontinental do Cordel ao início do século 17, de quando há vestígios de entrada dos primeiros exemplares em terras brasileiras. No século 18, com a vinda da família real portuguesa ao Brasil e a permissão para a produção de material impresso na colônia, essa forma de expressão popular finalmente começara a se estabelecer. (DA CÂMARA CASCUDO, 1953)

Transmitindo os causos dos cancioneros populares, discutindo os problemas sociais, a seca, o descaso por parte do governo, adaptações da literatura erudita, entre tantos outros temas destrinchados por Da Câmara Cascudo; os simples folhetins vendidos dependurados por pregadores em cordas

(daí o nome “cordel”) nas feiras, praças e quermesses facilmente ganharam popularidade. (DA CÂMARA CASCUDO, 2005)

Eles eram, afinal de contas, um dos poucos contatos daquele extrato da população com a literatura, e mesmo com as Artes plásticas, uma vez das Xilos que costumeiramente acompanhavam a leitura – geralmente na capa, como chamariz para o livreto. E quando as histórias neles contidas não chegavam em mãos para esse público elas ainda podiam chegar aos ouvidos: nas reuniões em fazendas ou festivais em praça, quando algum letrado lia em voz alta para deleite dos presentes. Como exemplificado em meio às entrevistas e pesquisas de campo de Ana Galvão, em 2000:

A primeira instância de leitura/audição de folhetos era, de modo geral, o momento em que as pessoas iam à feira e ouviam o vendedor: leitura competente, declamada ou cantada em voz alta, interrompida no momento do clímax do enredo. Uma vez adquiridos ou tomados de empréstimo, os folhetos eram geralmente lidos em grupo, em reuniões que congregavam grande número de pessoas, na casa de vizinhos e familiares. (GALVÃO, 2000)

A manutenção dessa expressão popular vem então como forma de permitir a sobrevivência de histórias e personagens da nossa cultura, assim como já acontecera outrora, afinal, “a gesta de Robin Hood, heróis da Georgia e do Turquestão, da Pérsia e da China, só vivem porque foram haloados pela moldura de rimas saídas da homenagem popular” (DA CÂMARA CASCUDO, 2005).

2.3 Cancioneiro Popular

E se há criatividade de onde sai as afamadas poesias rimadas do povo, essa sai da dura vida do cancionero. Um andarilho por natureza, ele vaga quase que sem rumo em direção a terras desconhecidas. Sob chuva ou sol, em lombo de cavalo, jumento ou a pé, ele se mantém incansável em sua jornada, sempre na expectativa de chegar a um povoado e avistar vida o suficiente, que lhe permita finalmente despejar e exercitar a sua arte como trovador. (COUTINHO FILHO, 1972)

Uma vez da chegada em nova cidade e recebida a acolhida, o artista trovador achava um lugar para recitar suas memorizações ou improvisos. Acompanhado por sua viola ou rabeca, esta existente prioritariamente para manter o ritmo, fator mais importante durante a cantoria, ele estava pronto para cantar as mais cabulosas histórias que o povo poderia especular. Seja sozinho, em duetos ou através de memoráveis pelejas com cantadores da região, sua aparição geralmente se dava em celebrações religiosas, aniversários, festas; quando o cancionero era contratado e sua estadia era um verdadeiro acontecimento que permitia a reunião de toda a comunidade. Em sua obra, *Violas e Repentes*, Coutinho Filho apresenta as mais diversas dessas situações, inclusive quando o artista dava de galo frente a chegada e ao desafio de um forasteiro:

- Senhor Severino Pinto

Faça favor explicar-me,

Se vem cantar como amigo,
Ou se vem desafiar-me;
Confesse sua intenção
Que eu quero determinar-me

- Para bem justificar-me,
Satisfaço seu cuidado;
Desde já fique ciente,
Não vou deixa-lo enganado:
O cantador que me enfrenta
Não tira bom resultado.

(COUTINHO FILHO, 1972, p.147, 12-23)

Também como uma marca das nossas raízes colonizadoras, o repentista nordestino é um desdobramento dos poetas andarilhos europeus da idade média. Estes errantes itinerantes carregando consigo um alaúde, vilela ou mesmo uma rabeça, já levavam há muito a sua poesia “a ambientes tão diversificados quanto a praça pública, as universidades, ou as cortes principescas e aristocráticas” (BARROS, 2008)

2.4 O Artista Cego

Engana-se quem venha a pensar que a existência do músico cego se dá por mera obra do acaso ou se deve pela sua circunscrição enquanto vivente nos tempos modernos. Personagens com deficiência visual tem se mostrado elementos fortemente presentes através da história da música, retratados em diferentes culturas e inseridos em distintos contextos através dos quais expressariam sua arte.

Nomes como Demodocus, personagem na epopeia *Odisséia*, além é claro de seu próprio criador o poeta grego Homero (século IX AC), são grandes exemplos nesse panteão de artistas e de expressão de visibilidade. E mesmo antes, na cidade de Nuzi, na antiga Mesopotâmia, “as pessoas cegas e os músicos eram postos na mesma lista de nomes – garotos e garotas cegas eram treinados como músicos”. (STOL, 2016)

Ainda em relação a esses músicos é sabido que entre suas funções estavam: servir de entretenimento no palácio real, em cerimônias de culto nos templos e mesmo sendo contratados como carpideiros para ritos funerários. (ORLIN, 2007)

No Brasil de Cego Aderaldo, muitos outros repentistas cegos, só em sua época, se fizeram perceber com estrofes que sobrevivem até hoje: Francisco Bento (Chico Cego), Manoel Pedro Clemente, Cesário José de Pontes, João

Batista, Cego Sinfrônio, Cego Oliveira, além de tantos anônimos. (COUTINHO, 1972)

Nos tempos atuais, enquanto a arte do trovador ainda luta para sobreviver, nomes como Luís Batista, João Bosco Evaristo e As Ceguinhas de Campina Grande são encontrados a rimar, hoje circulando e se propagando através de novas e diferentes mídias, em um movimento natural de inovação e preservação de uma história que não é só deles, mas de todo um povo.

3 Construção do Livro

3.1 Reverberações

Esse projeto surgiu como uma reverberação de outros trabalhos desenvolvidos enquanto estudante da UFRJ. Ele acaba por se tornar o último em uma série de quatro projetos que, de uma forma ou de outra, vislumbram o tema da deficiência visual.

O primeiro desses projetos, intitulado "Trajetos", foi desenvolvido para a matéria de Fotojornalismo 1, ministrada pelo Prof^o Dante Gastaldoni na Escola de Comunicação da UFRJ. Lá, eu desenvolvi um ensaio tendo como tema "mobilidade e acessibilidade na cidade do Rio de Janeiro", acompanhando pessoas, as quais conheci no Instituto Benjamin Constant, ao longo de jornadas rotineiras em suas vidas, enquanto registrava as problemáticas encontradas pelo caminho. O propósito do ensaio era explicitar os problemas encontrados na cidade por todos os cidadãos, muitas vezes ignorados pelo costume ou pela acomodação sensorial, mas que são amplificados quando da deficiência, cerceando o direito básico de ir e vir.



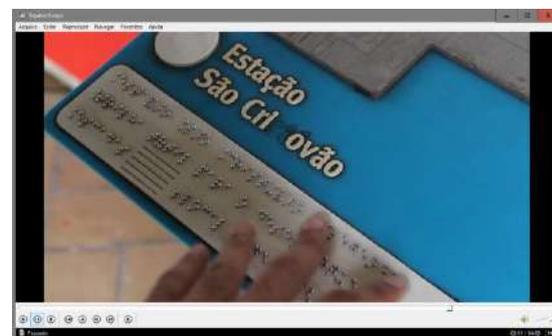
Rafael



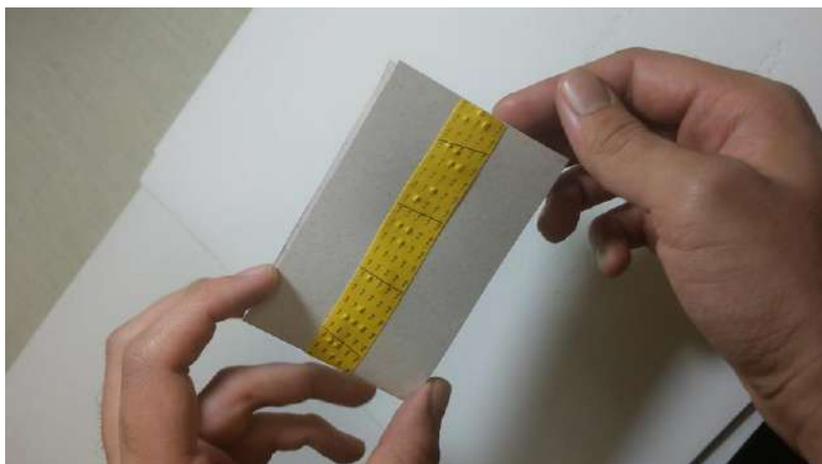


Acima: Natália; embaixo: Marcelle

O segundo, também intitulado "Trajetos", foi uma adaptação do primeiro a usar o vídeo como mídia. Produzido para a matéria Técnica de Vídeo do Profº Carlos Azambuja, o filme acompanha pessoas em trajetos ordinários pela cidade do Rio de Janeiro, trazendo muitas vezes a câmera para o "ponto de vista" dos personagens e aproximando a visão do tato. Ele continua a apresentar os problemas de mobilidade no dia a dia na metrópole enquanto explora os sons ambientes para situar o expectador.



O terceiro projeto muda mais uma vez a mídia e se desdobra em cima de um livreto. Tendo como expectativa trazer o vídeo para o mundo tátil e aproximá-lo assim da pessoa com deficiência visual, o projeto desenvolvido dentro da matéria "Fanzine", ministrada pela Profª Julie Pires e pelo Profº Pedro Sanchez, explora uma mescla entre os dois mundos. Utilizando-se de capturas de tela de momentos cruciais do filme, o livreto montado em formato sanfona traz tanto imagens representativas dos momentos vividos quanto palavras em braile que as resignificam ao trazer à tona sensações àqueles capazes de lê-las.



3.2 Análise de Similares

Alguns trabalhos influenciaram visualmente este projeto de forma mais significativa do que outros: seja por sua ligação mais direta com o tema por mim abordado ou pela maneira como utilizou de uma técnica para passar sua mensagem. Essas obras, as quais explicitarei a seguir, permitiram questionamentos à forma como entendia o Livro Ilustrado, a correlação texto-imagem e ao papel da Ilustração nesse tipo de projeto.

3.2.1 Carvoeirinhos, Roger Mello



A S A S

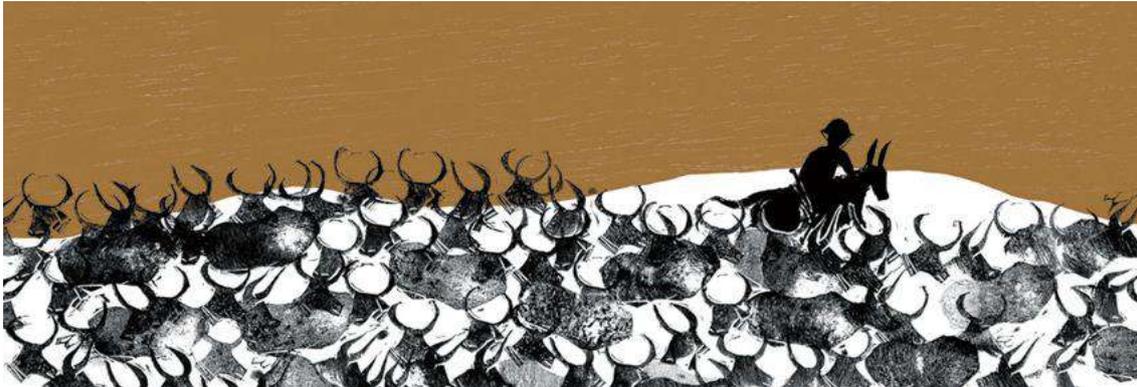
As asas não sabem dos pés quando as pés pisam na água.
 Fingem que não sabem.
 Se não bem se fosse tudo só tremor as asas zum-zum e enquanto
 os pés molhados se esquecem de tudo. Depois de secas as asas
 não fazem mais barulho. Falei que asa de marimbondo não
 é asa bobona que nem asa de joaninha? Falei. Nem asa pesada como
 asa de besouro, asa mole (muito). Asa cai não cai como asa de cupim.
 Asa de marimbondo é feita de arame e papel de seda.
 Também, tá bem, não é.
 Já sei.
 Então ficando. Pronto.
 A asa é malícia, de marimbondo é ponto final.
 Quer ver eu mudar de assunto?

Nesse livro, Roger Mello explicita, através da poética de suas imagens, a dura vida que tantas crianças e jovens brasileiros levam trabalhando dentro de minas de carvão.

Através de uma mistura de traços e recortes o artista monta sua narrativa, trabalhando no contraste de tons escuros, vagando entre o preto e o cinza, ele traz a pesada atmosfera que circunda o ambiente representado através de seus elementos mais claros: a poeira, a pedra, o carvão, a fumaça.

Quando em meio à quase monocromia surge a cor, ela destoa. Ela assusta e dói em sua fosforescência, atraindo os olhos para o fogo e fazendo sentir o incômodo do espaço habitado. É um elemento certo, utilizado com cautela, pois ele tem voz suficiente para ser um personagem na trama.

3.2.2 Lampião e Lancelote, *Fernando Vilela*



Outra obra de relevante importância durante o processo de pesquisa, e assim de construção de uma visualidade, foi o livro *Lampião e Lancelote*. Escrito e ilustrado por Fernando Vilela o livro traz o encontro de duas figuras ímpares: Lampião, famoso cangaceiro que reinava no interior do Nordeste brasileiro no início do século 20 e Lancelote, personagem tido como braço direito do Rei Arthur nas lendas britânicas *Contos do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda*.

Em meio a repentes que põem os dois personagens frente a simultâneas trocas de afrontas, típicas das famosas pelepas entre cantadores, a narrativa do livro se desenvolve. Nela os dois lados são apresentados, suas vitórias e feitos são expostos e o ambiente do qual cada um deles veio é mostrado.

No traço, Vilela se conecta com certa imagética mais rústica. Formas retas e marcadas em seus personagens, além de pontuais inserções de texturas, remetem suas ilustrações à tradicional xilogravura, presente tanto no Cordel

nordestino quanto nas suas formas primeiras nos folhetins europeus. Há ainda uma forte marcação de cores, do preto no branco, que remete a essa mídia. Trazendo mais vida e personalidade, além de distinção ao mundo dos personagens, o autor faz uso de um chapado tom terroso para remeter à terra batida e de um prata em *hot stamp*, para marcar e cintilar a brilhante armadura do nobre cavaleiro medieval.

3.3 Público Alvo

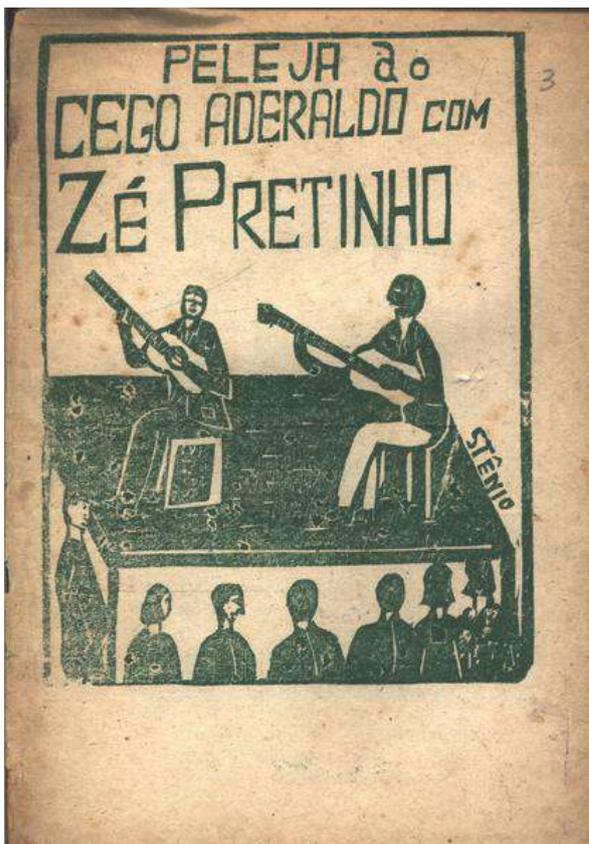
O livro ilustrado, produto deste projeto, tem o público infanto-juvenil como alvo e principal escopo de disseminação da mensagem carregada nele. Partindo do Infantil, uma fase em que a criança ainda não tem pleno domínio da leitura e se sustenta muito no imagético, ao juvenil, quando as bases para a leitura costumam se encontrar mais sólidas; essa obra se constrói como ferramenta de disseminação de traços populares, introduzindo o leitor em um contexto cultural tão amplo quanto o brasileiro enquanto o coloca em contato com um personagem com deficiência visual. Tal personagem e sua força, frente a todos os desafios impostos pelo seu entorno e a sua súbita perda de visão, tornam uma história que já é grande em si um exemplo de superação e perseverança. Esse projeto visa ser uma ferramenta de visibilidade, ao trazer ao público geral a grande história de um brasileiro cego e pobre que, se desvencilhando das amarras de um sistema que tende a subjugar-lo, grava com criatividade seu nome na cultura nacional.

3.4 Texto

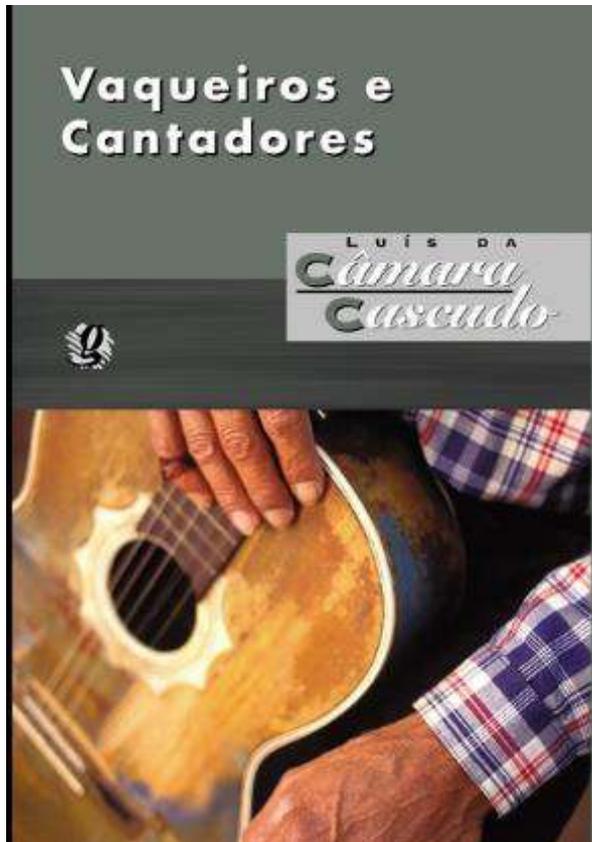
O texto deste livro foi construído com base na história autobiográfica de Aderaldo Ferreira de Araujo, o Cego Aderaldo, apresentada no livro, *Eu Sou o Cego Aderaldo*. Além desta fonte houve outras que influenciaram diretamente neste trabalho, como as lendárias peijas as quais o personagem travou, e que sobreviveram ao longo do tempo através dos cordéis, vendidos em feiras e escritos com a liberdade poética que somente as vidas com teor de lenda poderiam abarcar.

A estrutura na qual o texto produzido se encontra também é reminiscente da vista nos cordéis, enquanto esta, em si, é uma adaptação da forma em rima cantada nas peijas e repentes, traço forte da tradição oral. Nela, eu desenvolvo a história do personagem Aderaldo, desde sua infância no Crato, Ceará, as dores e dificuldades que o moldaram, a repentina perda de sua visão e sua descoberta como cantador. Tomo para mim as mesmas liberdades outorgadas a Aderaldo em sua autobiografia, e aos diversos cordelistas, que, na sua história, encontraram alimento farto para sustentar suas imaginações.

O texto final, apesar de iniciar e terminar com quadras, é composto majoritariamente por sextilhas, ou versos com seis estrofes, permitindo leves variações ao longo da trama como forma de trabalhar a cadência. Sua composição também se dá muito em versos de sete sílabas.



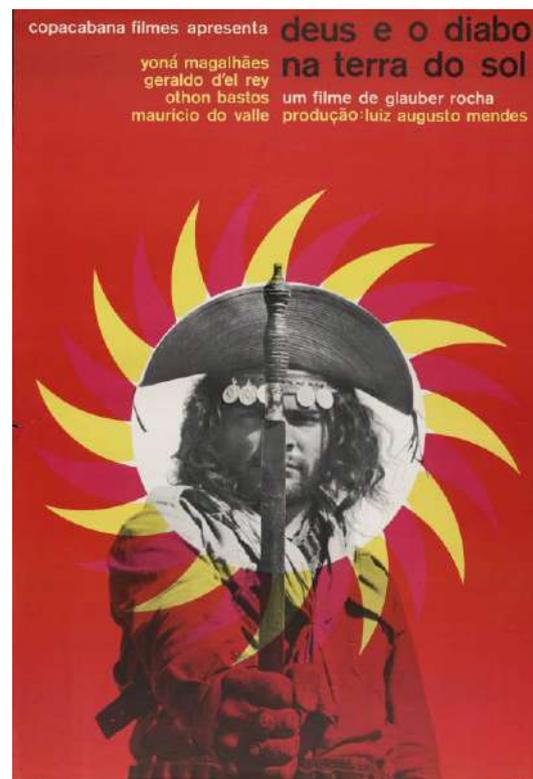
Cordel "Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho"



Livro do historiador Luís da Camara Cascudo "Vaqueiros e Cantadores"

3.5 Desenvolvimento Visual

Além dos livros ilustrados *Carvoeirinhos* e *Lampião e Lancelot* este projeto teve como influência em sua visualidade outras obras. Filmes como *Vidas Secas*, adaptação da obra de Graciliano Ramos para o cinema por Nelson Pereira, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, aclamado filme de Glauber Rocha no Cinema Novo, os distintos cordéis com os quais pude ter contato, assim como os artistas regionais e aqueles que se dedicaram a mostrar a vida e a cultura singular do Nordeste – cito entre eles Aldemir Martins, Candido Portinari e Hansen Bahia.



"Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha



"Vidas Secas", de Nelson Pereira

O desenvolvimento de uma visualidade para essa obra teve como ponto de partida a imagética tradicionalmente presente nos cordéis: o já característico uso da xilogravura, principalmente nas capas, como apresentação à história que está por vir - um trabalho de linha simples que preza pela forma em meio às dificuldades de produção. Nesse sentido usei o nanquim em pincel seco, na expectativa que me trouxesse a força do contraste, a irregularidade e a espessura fixa de suas cerdas; me obrigando a pensar em como resolver os detalhes em prol das formas.

Uma vez da partida, e percebendo que era necessário buscar uma quebra, um olhar um pouco além da representatividade rotineira, comecei a explorar o uso de cores. Com a tinta guache realizei testes, reestruturações e redesigns nos personagens. Percebendo que ela me dava a textura que buscava, avancei mais

um passo na materialidade, usando recortes e colagens que completassem a composição.

Finalmente, dadas mais experimentações, decidi por explorar o uso de formas chapadas, além de mesclas com texturas, com o intuito de dar peso aonde lhe faltava. O uso do ocre se tornou predominante, como forma de representar uma figura que existe em tamanha simbiose com o seu meio – o árido sertão nordestino. As pinceladas corridas estruturam e dão enfoque ao que é necessário, deixando espaços a serem preenchidos pela imaginação, e por qual deve ter sido a percepção do poeta cego.

4 Projeto Gráfico

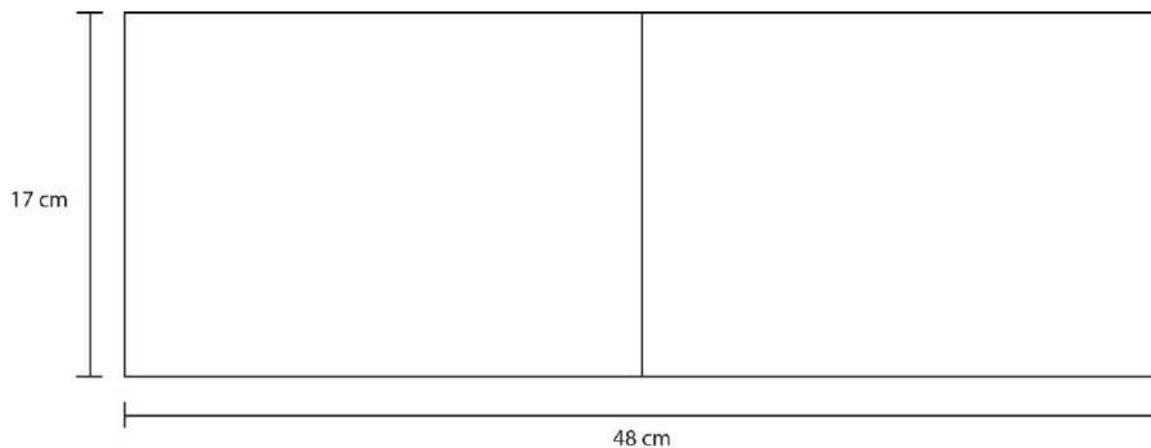
O projeto de construção desse livro se deu como forma de abarcar não somente texto e imagens, mas sentidos referentes ao personagem nele visionado. Sua estruturação se dá como forma de elevar o que nele há contido, permitindo que este fale um pouco além de sua história.

Como parte dessa estruturação esse livro foi projetado em formato panorâmico. Tendo em vista as paisagens, os grandes espaços abertos, o vagar do personagem andarilho e os respiros entre as ilustrações.

As cores, assim como as formas, se demonstram básicas, despidas de grandes detalhes, como sendo vistas à distância em meio ao lamber do sol ou através de um filtro.

4.1 Formato

O formato panorâmico do livro foi escolhido como forma de explorar a ambiência da plenitude do sertão: seus grandes e vastos espaços áridos, a distância entre os elementos, a predominância de uma cor ou a ausência dela cobrindo até aonde os olhos podem ver. Ele traz sustância à vida de andarilho do personagem, suas romarias e suas viagens, e permite fechar o espaço quando preciso como contraponto, quando dos avanços, conquistas e sucessos encontrados pelo caminho.



4.2 Acabamento

O livro foi construído em papel couche fosco, de fibra invertida 150g, tendo sua capa fixada ao miolo com grampo canoa. A capa foi feita em couche fosco, 210g.



4.3 Tipografia

Andada foi a tipografia utilizada. Suas serifas se conectam às arestas e angulações presentes nas ilustrações, além de remeter às fontes geralmente usadas nos cordéis.

ANDADA

Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

0123456789

4.4 Título

O título do livro foi desenvolvido tendo como inspiração a armação do óculos do personagem principal – Aderaldo. As letras, em seu formato arredondado, foram feitas a tinta e então escaneadas; o nome do autor, seguindo o princípio da fonte criada, foi feita digitalmente com hastes mais finas.

CEGO
ADERALDO

HUG● ALVES

5 O Livro

5.1 Projeto Inicial

A primeira versão do livro trazia traços mais realistas com enfoque em detalhes. Utilizou-se nanquim e pincel à seco, para dar um toque esfumado nas sombras.





Apreciem, meus leitores
 Um forte di scussão
 Que tive com Zé Pretinho
 Um cantador do sertão
 O qual no tanger do verso
 Vencia qualquer questão

Eu tirei a rabequinha
 dum pobre saco de meia
 um pouco desconfiado
 por estar em terra alheia
 ouvi as moças dizendo:
 meu Deus que rabeça feia.

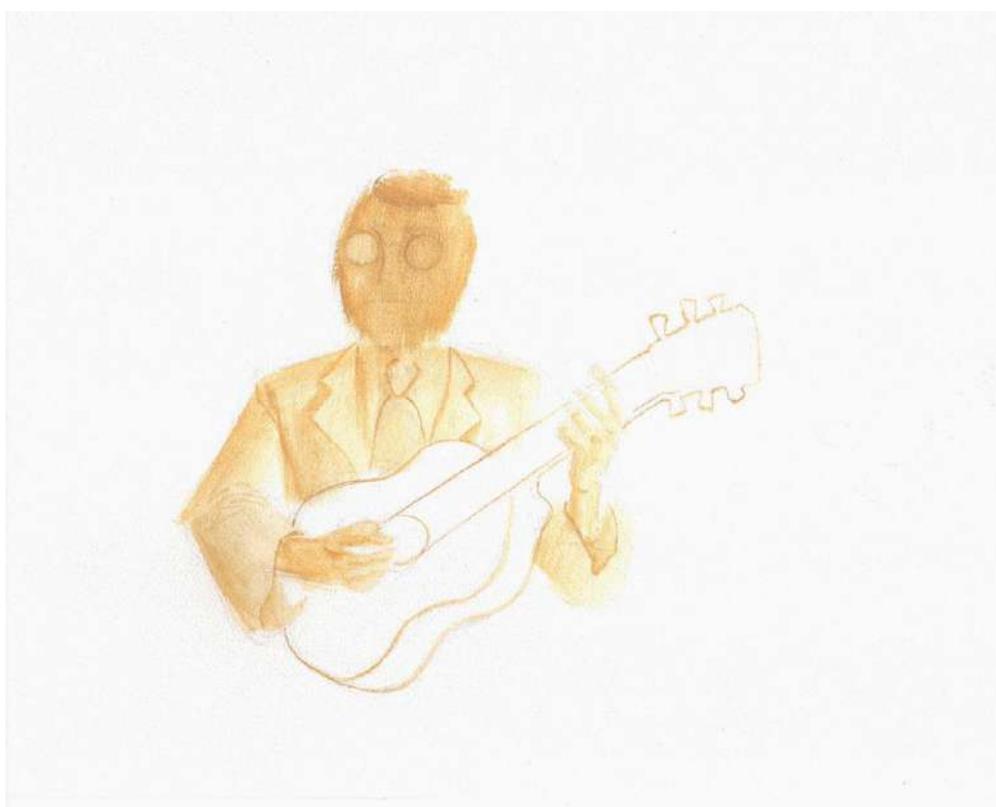


Amigo José Pretinho
 eu não sei o que será
 de você no fim da luta
 porque vendi do já está
 - Quem a peça certa compra
 paga cara pagará.

Quando eu fiz os meus versos
 Com a minha rabequinha
 Procurei o negro na sala
 Já estava na cozinha
 De volta queris entrar
 Na porta da camarinha

5.2 Readaptação do Projeto Inicial

Tendo em vista uma nova visão sobre o projeto decidiu-se repensar a sua construção imagética. O que anteriormente era preto e branco ganhou cor, o ocre; os detalhes deram espaço para o contraste, as sombras, e os objetos em destaque apareceram em linhas simples como contraponto.

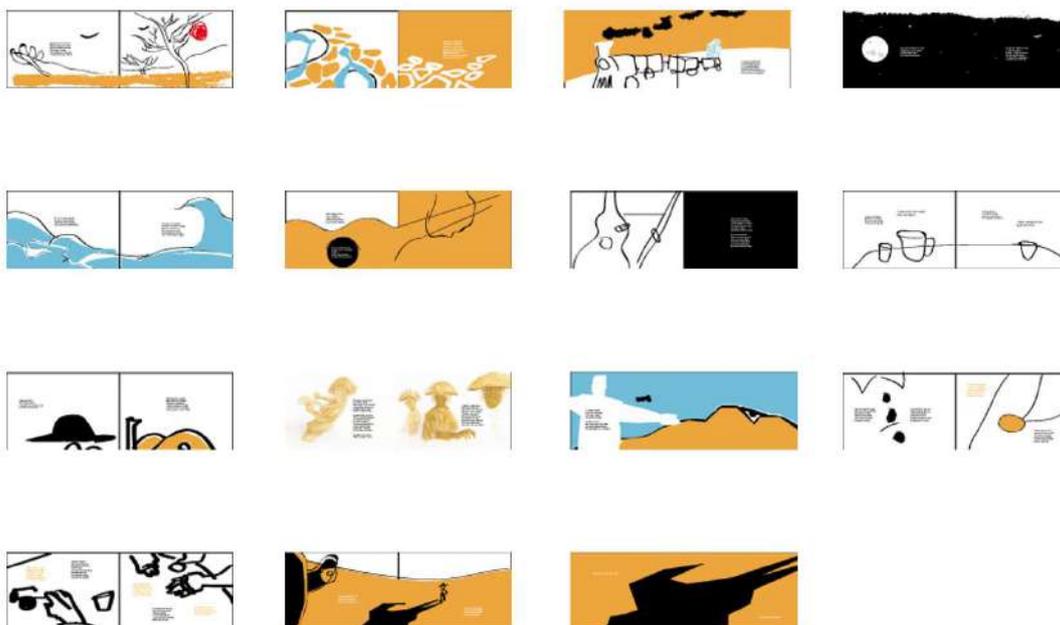






5.3 Espelho

O espelho no projeto do livro ilustrado serve como um guia. Além de prever a disposição das páginas quando do produto final ele indica também a fluência com que a história corre, como as imagens se comunicam umas com as outras; possibilitando assim uma criação mais segura uma vez da visão compreensível do todo.



5.4 Projeto Final

Na versão final as pinceladas se mesclam com o digital. O ocre disforme é seguido pelo traço marcado em nanquim e pelas formas exatas e chapadas. Novas cores pedem caminho e preenchimentos inexatos ocupam só o suficiente para deixar espaço livre a imaginação.



© Hugo Alves / 2019
 Projeto Gráfico: Hugo Alves
 Diagramação: Hugo Alves
 Revisão: Hugo Alves
 1ª edição: 2019
 Dados Internacionais de Catalogação em Publicação
 Alves, Hugo
 Cego Aderaldo / Hugo Alves
 1. Rio de Janeiro: Cajuado Editora, 2019.
 ISBN: 984-83-3178-30-2
 1. Cegueira - Literatura - Juvenescência
 08-2019 CDD: 821.1

Biblioteca de Direitos Reservados
 Cajuado Editora Ltda.
 Rua Tupybau, Senso, 71
 Tupybau, São José - Rio de Janeiro - RJ
 Impresso em Brasil / 2019

CEGO ADERALDO

HUGO ALVES



À todas as pessoas, com ou sem deficiência visual que se conectam
 durante esse projeto, que são luz para além do tempo que tribui
 com elas esse caminho.
 E à minha família nordestina, cuja luta persistiu a mim calma
 para olhar atentamente o mundo.

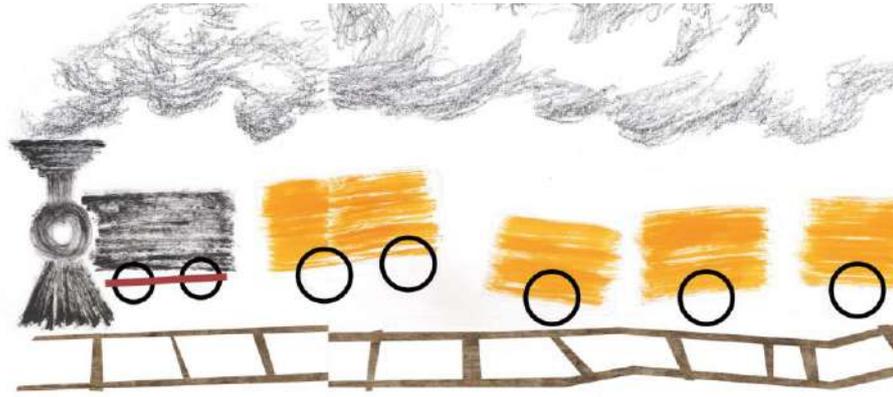


Essa História vem de longe
 Muito longe pra se contar
 Vem de Quixadá o repente
 E de Crato, no Ceará
 Cima a terra que o dia a vida
 A outra a terra que a vida dá



Gerado por esperança
 Da seca que amarga tudo
 Um mundo pra Anaximanes
 O outro pro outro mundo
 Quando o pai ficou frágil
 Mãe virou exatidão
 De um céu que choveu estrelas
 No mara coração desatado

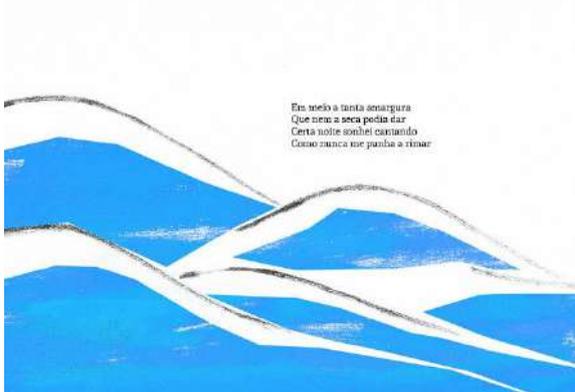
Assim garoto fiquei forte
Tomei as rédeas da vida
Certa malhada trabalhei
E segui a perder de vista
Depois de hotel e festa de leno
Me encontrei um requizite



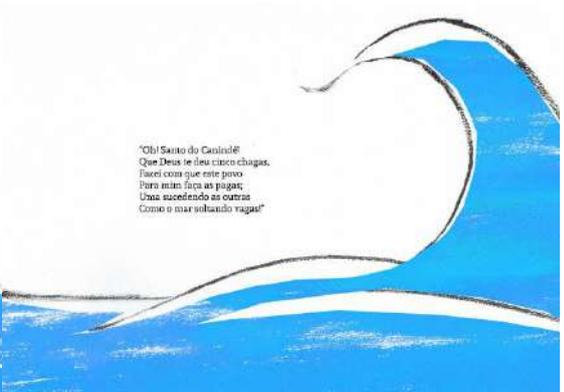
Até que em um dia como outro
Qualquer que possa parecer
A minha vida mudou
Pra nunca mais esquecer



Foi quando o dia virou noite
A noite mais eterna
Quando o peito virou longe
E a vida que não espera
Viu com olhos se apagam
Qual chama em fúda vela



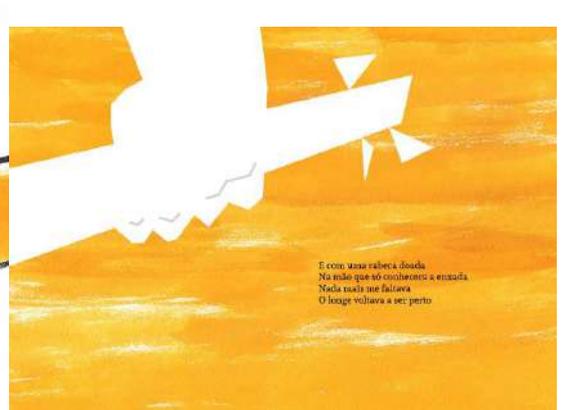
Em meio a tanta sonargara
Que nem a seca podia dar
Certa noite sonhei cantando
Como nunca me punha a rimar



"Oh! Santo do Cantalô!
Que Deus se dea cinco chagas,
Farei com que este povo
Para mim faça as pagas,
Uma sociedade as curras
Como o mar soltando vagas!"

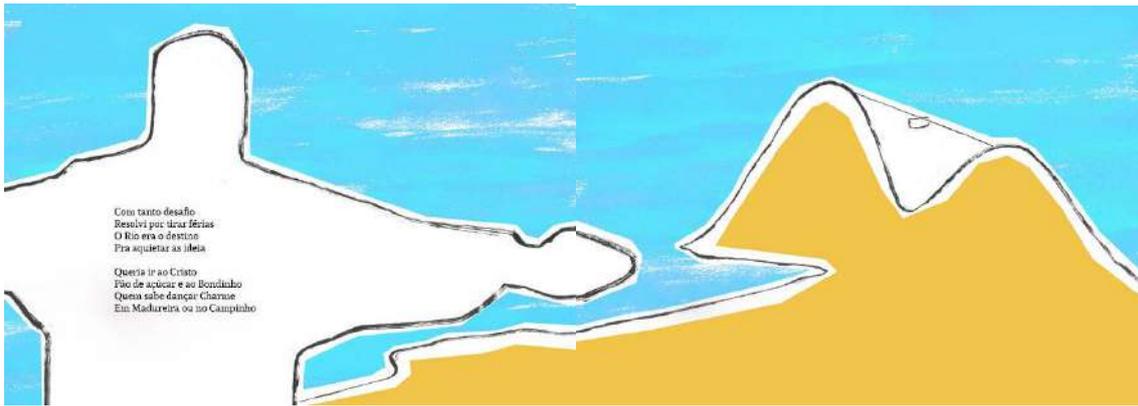


Embaixadado negra
Cump o trabalho negro Brasileiro
Cantou é a minha alma
Logo tocou por decreto



E com uma rabeca doada
Na mão que só onliocou a ensada
Nada mais me falava
O longe voltava a ser perto





Com tanto desafio
Resolvi por tirar férias
O Rio era o destino
Pra aquietar as ideias

Queria ir ao Cristo
Pra de águas e ao Bonfimbo
Quem sabe dança? Charmé
Eu Madureira ou no Campinho



"Mr. Prata" acho que ouvi
Alguém chamar de longe
Se essa era a alcunha
Podia ser seu nome
Cliquei-me mais de perto
E perguntei ao homem:

O senhor sabe onde fica
O Cristo e o Bonfimbo?
Quem que é esttua grande
Difícil errar o caminho
Daqui conhece pouco
Ceará é o meu ninho

Mas uns chregoni na praça
Já trombei com uma figura
Era de tanto coração
Tinha que ver as feições
Ouro de cina em haio
E prata até a cintura

Ceará é mesmo longe
Lá pra cá dá um bom chão
Já conheci essas terras
Metade desse Brasilão
Pra Cristo e pra Bonfimbo
Daqui só de busão



Então o senhor é sabido
Das terra de todo lugar
Os para lá do Nordeste
Rio Branco a Cuba?
Me diga então pela mente
De onde vem o vacaçu!

Vitapu é de Bahia
Não era venta amolar
E também do Amazonas
Pra e Amapá
Des negros da muito longe
Das terras além mar
Pra conhecer a origem
De basão não chego lá

Não estou amolando
É curandade sincera
De tanto andar o mundo
Já nem sei o que é ceta
Se de falar em comida
Mas, tucão já se rebela

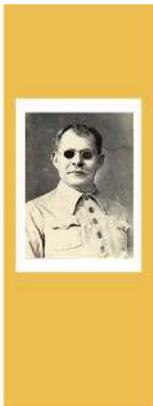
Pois então vamos provar
Algo bom desse estado
Feijada, salpicão
Ou empadão de galo
O que mais tembo é bobala
E filho pra todo lado

Pois de filho não faço feio
Só meus são vinto e seis
Vamo logo ranga uma prosa
Pra a perna ter rigidez



E que seja o Cristo, a Bahia
Amor, amor não tem fim
Se pra isso tem a natureza
E o coração com a fé

Pra combar pra lá de lá
Pra mais de um dia
Pra mais de um mês
E se dá pra a qualquer

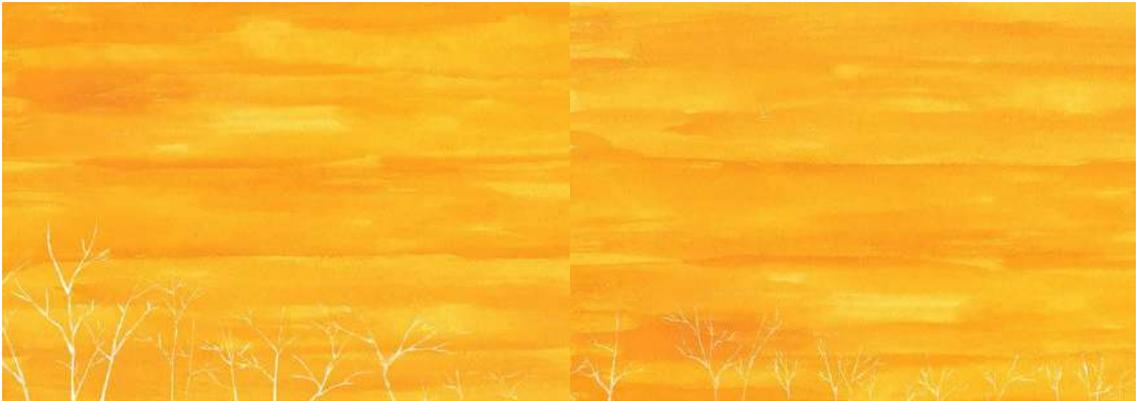


Sobre o Cego Aderaldo

Aderaldo Ferreira de Araújo, o Cego Aderaldo, é um famoso cangaço no mundo do merende brasileiro. Nasceu no Ceará, ele perdeu a visão ainda novo em um acidente de trabalho. A partir daí sua vida virou a se transformar. Na companhia de sua cabeca ele passou a andar o sertão cantando as agruras, causas e encontros os quais terra ao longo do caminho. Deixando para trás a miséria e a falta de perspectiva que o cercavam, Aderaldo partiu a encontrar o seu lugar em meio aos versos de repente, na boca do povo e nos cordões que viraram o transformá-lo em lenda. A história desse personagem é muito rica, ele é envolvida em dor, superação e humor, sendo sem elementos seguros pelo ritmo incessante de toca nordestina. Ela se abre aos elementos regionais nas características próprias do repente, na perspectiva de uma pessoa com deficiência visual e na lenda que o cerca e o mantém vivo. A importância deste projeto em forma de Livro Ilustrado está não só em trazer quem foi esta pessoa, mas tudo o que a cercava, um pedaço da cultura que tende a se perder por não se adaptar aos novos olhares.

Sobre o Autor

Hugo Alves é fotógrafo, ilustrador em reabilitação, designer e pelo visto escritor. Graduando em Comunicação Visual - Design pela UFRJ ele vê em seus projetos uma possibilidade de trazer a uma história e temas que poderiam se perder no tempo.



Impressão no grafite. Tiragem limitada e numerada.
em papel couchê 140g, em junho de 2018.

6 Conclusão

Este projeto expôs o processo de construção de um livro ilustrado e seu mote. Ele foi desenvolvido com o objetivo de manter a cultura nordestina cada vez mais viva, assim como a história de um dos mais famosos canceiros cegos do Brasil - Aderaldo.

Foi um processo tortuoso. Em relação à linguagem do livro ilustrado, seu descobrimento, começo de apreensão e finalmente produção de um material; além do desenvolvimento de um traço, de uma estética e da tentativa de trazer algo que visualmente representasse o personagem no decorrer do livro.

Apesar de nem tudo o que poderia ter sido ter gerado frutos nesse projeto, acredito ter tirado muito de positivo de sua produção. Me sinto agradecido por ter tido essa experiência, dentro da faculdade, com as pessoas com que a tive, pois sei que posso seguir um caminho de desenvolvimento que me leve a contar essa, e outras histórias, de melhor forma nos anos que estão a vir.

Como sugestão para trabalhos futuros, proponho a adaptação do livro de forma que se torne acessível a pessoas com deficiência visual, através do repensar do projeto como um todo e da aproximação com o público alvo.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. "**Então se forma a história bonita**": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. Horizontes Antropológicos, v. 10, n. 22, 2004.

ADERALDO, Cego. **Eu sou o Cego Aderaldo**. Coordenação: Eduardo Campos, 1994.

AMARAL, Firmino Teixeira do; SILVA, José Bernardo da. **Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum**. 1959.

BARROS, José D.'Assunção. **Os trovadores medievais e o amor cortes – reflexões historiográficas**. Revista Aletheia, v. 1, 2008.

COUTINHO FILHO, Francisco. **Violas e repentes: repentes populares, em prosa e verso; pesquisas folclóricas no Nordeste brasileiro**. Editora Leitura, 1972.

DA CÂMARA CASCUDO, Luís. Cinco livros do povo. **Introdução ao estudo da novelística no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

DA CÂMARA CASCUDO, Luís. **Vaqueiros e cantadores**. Global Editora, 2005.

DE OLIVEIRA, Rui. **Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. 2008.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Oralidade, Memória E A Mediação Do Outro: Práticas De Letramento Entre Sujeitos Com Baixos Níveis De Escolarização- O Caso Do Cordel (1930-1950)**. Educação & Sociedade, v. 23, n. 81, p. 115 a 142, 2002.

MELLO, Roger et al. **Carvoeirinhos**. Companhia das Letrinhas, 2012.

NOGUEIRA, Carlos. **A Literatura de cordel portuguesa e humanista**: Journal of Iberian Studies, n. 21, p. 195-222, 2012.

ORLIN, Louis L. **Life and thought in the ancient Near East**. University of Michigan Press, 2007.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

STOL, Marten. **Women in the ancient Near East**. De Gruyter, 2016.

VILELA, Fernando. **Lampião e Lancelote**. Editora Pequena Zahar, 2016.

FILMOGRAFIA

DEUS e o Diabo na Terra do Sol. Direção de Glauber Rocha. Bahia: Glauber Rocha, 1964. 1 DVD (120 min.).

VIDAS Secas. Direção de Nelson Pereira. Alagoas: Herbert Richers, 1963. 1 DVD (103 min.).